

O PROCESSO DE ‘CONSTRUÇÃO’ DA VOCAÇÃO PROFISSIONAL

Denise Soréli de Miranda Rodrigues¹

RESUMO: O presente artigo aborda e analisa os processos de formação da identidade ocupacional, também chamada vocação, levando em conta aspectos históricos, temporais, psicológicos e geracionais dos indivíduos. Por se tratar de um artigo escrito à luz de uma metodologia de pesquisa que privilegia a literatura já existente, relacionando-a com achados fáticos, poderá se encontrar a seguir citações de muitos autores e especialistas no tema, assim como registros de percepções empíricas.

Palavras-chaves: Vocação. Identidade. Ocupação. Adolescência.

ABSTRACT: This article discusses and analyzes the formation of occupational identity processes, also called vocation, considering historical, temporal, psychological and generational rights. Being it an article written in the light of a research methodology that favors an already existing literature, relating it to phatic findings, it can find a following quotes from many authors and specialists, as well as records of empirical perceptions about the theme.

Key words: Vocation. Identity. Occupation. Teenagers.

INTRODUÇÃO

A fim de entender os processos que norteiam e conduzem o fenômeno da construção vocacional este artigo apresenta uma breve recapitulação dos fatores que influenciam e participam da criação desse componente identitário extremamente importante. Foram considerados nesta pesquisa variáveis como acontecimentos históricos, grupos geracionais, processos de transformação no período da adolescência e situação socioeconômica dos indivíduos.

Vale nota também que a metodologia adotada para a pesquisa foi a de análise da literatura já existente sobre o tema aliada a percepções empíricas sobre o assunto. Essa metodologia é interessante, pois associa pesquisas diversas, criando zonas de interpenetração e intercâmbio entre pensamentos e autores, além de propiciar o enriquecimento da discussão através da adição de percepções no campo fático.

¹Graduada e Bacharel em Psicologia, pela Universidade Braz Cubas. Mestranda em Ciências da Educação Unigrendal – Universidade Grendal.

FUNDAMENTAÇÃO

É amplamente conhecido o fato de que a adolescência é campo fértil para grandes descobertas e mudanças radicais. É nessa fase que ocorre a cristalização da identidade e a estabilização das aspirações pessoais. No campo profissional geralmente é o período da construção de conceitos chave para o trânsito da escola para o ambiente profissional – ou seja, transição da infância para a vida adulta – dentre os quais se destaca a construção da vocação.

Mas afinal de contas, o que é a vocação profissional? Ainda que muitos acreditem se tratar de um termo pertencente ao conhecimento popular, a vocação, em seu sentido empregado neste artigo é muitas vezes mal compreendida e confundida com uma espécie de ‘dom’, ou habilidade natural, intrínseca a determinados indivíduos. Essa compreensão se mostra equivocada, e suscita a necessidade de conceituação da palavra.

DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE VOCAÇÃO

A palavra “vocação” vem do latim “vocare”, que quer dizer “chamar”, e assim como o nome sugere se refere a um chamamento para determinada atividade. Pode ser definida como uma disposição do indivíduo a certas habilidades e áreas do conhecimento, além de um condicionante para determinados estilos de vida. Em suma, é uma espécie de afinidade por um ramo de atividade.

Como já aludido acima é constantemente confundida com uma espécie de dom, o que se mostra equivocado, visto que está é constituída por um processo de formação a partir da apreensão do mundo fático somado a processos ‘biopsicológicos’. Por isso varia de pessoa para pessoa e de geração para geração, dado o contexto de vivências de cada um. É definido por diversos fatores, como acontecimentos históricos, o relacionamento com os pais, a convivência com grupos de amigos e até mesmo o contexto socioeconômico vivido. Portanto é muito mais uma construção do meio do que uma habilidade intrínseca ao ser.

É relevante a compreensão desse ponto, pois o entendimento da vocação como um dom se revela extremamente perigoso, visto que nessa concepção se exclui a posição do indivíduo como sujeito ativo de sua vida. Tal entendimento exprime a ideia equivocada de que se está de alguma forma predestinado a algo. Essa ideia pode ser

usada para explicar o alto nível de insatisfação profissional da geração Y, por exemplo, que cria altas expectativas no campo profissional acreditando que será naturalmente bem-sucedido independente do esforço e da preparação necessária para tal. Esse credo obviamente se revela infundado, criando um amplo distanciamento entre expectativa e realidade.

A definição de Müller (1988) sintetiza bem o conceito, o autor acredita que a vocação se constitui como processo de aprendizagem de uma escolha profissional que deverá estar, necessariamente, articulado com a família, com a escola, com a comunidade produtiva e com os meios de informação como fatores que interrelacionados aos aspectos pessoais (estrutura do aparelho psíquico, habilidades, interesses, desejos e identificações), convergem para a definição de uma identidade profissional.

Outra distinção importante que deve ser realizada é a de vocação e profissão. Deve-se entender que a vocação é uma inclinação, uma pré-disposição a certas áreas de conhecimento e atuação profissional, ela antecede a escolha da profissão, e não deve haver qualquer confusão entre os conceitos para que se entenda ambos em sua integridade. Vale nota também que, apesar da vocação ser um fator importante para a realização profissional, ela não é condição *'sine qua non'* para tal. Dado que, como qualquer construção a partir das vivências ela pode ser transformada, recriada ou adaptada. Há inúmeros exemplos de profissionais que trocam de área tardiamente devido a uma construção igualmente tardia de uma nova vocação, sem que, no entanto, se sentissem infelizes durante os “bons momentos”² de sua atuação anterior. A vocação, desta forma, está mais proximamente ligada a um esclarecimento de quem se é e de onde se quer chegar ao momento da tomada da decisão do que uma característica inata e imutável. Assim como elucida Müller (1988):

Entendo a orientação vocacional como uma tarefa clínica, cujo objetivo é acompanhar a um ou mais sujeitos na elaboração de suas reflexões, conflitos e antecipações sobre seu futuro, para tentar a elaboração de um projeto pessoal que inclua uma maior consciência de si mesmos e da realidade socioeconômica, cultural e ocupacional que permita aos orientandos aprender a escolher um estudo ou ocupação e preparar-se para desempenhá-lo. Esta ideia de orientação vocacional leva os orientandos a considerarem, em primeiro lugar, a construção de si mesmos, antes que a escolha eventual de uma ou outra profissão, dado que é a partir do esclarecimento de quem se é e aonde se deseja chegar que se depreende o que se quer fazer (1988, pp.8 e 9).

²Com “bons momentos” quer se dizer o auge da atuação anterior, num momento que anteceda os motivos que levaram o profissional a trocar de área.

RESULTADOS E DICUSSÃO: RELAÇÃO ENTRE AS DIFERENTES GERAÇÕES E A FORMAÇÃO DA VOCAÇÃO

Pode-se afirmar que cada geração tem um determinado perfil. Isso se dá devido a todos os indivíduos que a compõem terem vivenciado os mesmos acontecimentos históricos, sido influenciados pelas mesmas personalidades e terem vivido momentos de crise e desenvolvimento econômico simultaneamente. Devido a essa vivência parecida os integrantes de uma mesma geração dividem traços psicológicos e traumas em elevado número.

Por conta dessas semelhanças, diversos estudos utilizam gerações como unidades. Prática que é muito útil para estudos com objetos muito complexos, como a sociedade. Para o tema deste artigo o estudo das gerações pode elucidar como a vivência de diferentes momentos históricos pode influenciar substancialmente no processo de construção da vocação.

Nesse ponto serão analisados principalmente as gerações X, Y e Z, mas também irá se recorrer ao perfil psicológico da geração nomeada de *baby boomers*, a fim de ilustrar com clareza as transformações entre cada geração, e como as escolhas profissionais e a formação vocacional se modificou de lá para cá.

Mas antes de dar início a essa análise convém definir o que significa “geração”, visto que este será um termo recorrente. O termo trata de um grupo de indivíduos que nasceram e cresceram em um mesmo período, e por isso viveram os mesmos eventos históricos e sociais que contribuíram para a construção de seus valores e objetivos. O que nos leva a considerar, como já exaustivamente elucidado acima, que componentes de uma mesma geração possuem expectativas e objetivos similares (WESTERMAN; YAMAMURA, 2007).

Uma vez que se tenha compreendido o termo pode se partir para a análise das diferentes gerações, e quais são as características de cada uma que influenciam no processo de construção da vocação profissional.

Iniciando pela geração X, que é composta por pessoas nascidas no período de 1968 a 1979: apresentam fortes traços de descrença e desconfiança em relação às empresas e ambientes de trabalho, por conta disso tem baixo comprometimento com a produtividade e progresso da instituição em que estão inseridos. Valorizam

exageradamente a independência e preferem trabalhar sozinhos. Também costumam estar sempre em busca de oportunidade para empreender.

A geração Y, por sua vez, abrange os nascidos no período de 1980 a 1991. São caracterizados por procurarem flexibilidade em suas carreiras. Devido a não lidarem bem com organizações hierárquicas procuram autonomia em seus trabalhos. Possuem a vantagem de se adaptarem facilmente a novas tecnologias, e de estarem plenamente inseridos na era da informação, entretanto, sofrem de graves defeitos quanto a insubordinação e a dificuldade de serem geridos.

Finalmente a geração Z, composta por indivíduos nascidos no fim da década de 1990, é caracterizada por estar totalmente inserida no mundo digital. Seus componentes foram chamados pela psicóloga e *coach* Julia Ramalho Pinto de *ciborgues digitais*. Nas palavras de Pinto:

Segundo algumas pesquisas, os jovens brasileiros são os mais dependentes das redes sociais e constituem o primeiro grupo que passou todo o período da adolescência conectado à internet. Não temos nenhuma geração anterior que tenha vivido isto. Temos como dado que 88% dos jovens brasileiros gostariam de ter um dispositivo conectado à rede mundial de computadores dentro do próprio braço, e isto diz muito de como eles passaram a funcionar. Que tipo de conflito eles vivem em casa? É mais do que um choque de geração: o *gap* geracional ficou bem maior agora que estamos falando de lógicas diferentes de funcionamento. O que tenho visto no consultório é a dificuldade dos pais humanos e analógicos de entenderem o jovem ciborgue e digital. O que faz todo o sentido: passar do analógico para o digital e do digital para o analógico não é coisa simples, é necessário um conversor. Ou melhor, um conversador (2016, entrevista ao portallabuta, pp.1).

É a geração mais intensamente inserida na era da informação. São os filhos da geração X e Y, e representam um desafio de entendimento para seus pais, familiares, educadores e orientadores profissionais que tentam auxiliá-los na missão de organizar, selecionar, hierarquizar e dar sentido ao oceano de informação a que são expostos constantemente. Por terem nascido num mundo já globalizado, possuem uma noção ampla do seu papel na sociedade como profissional. Dessa característica surge uma vantagem importante, a capacidade de enxergar as empresas e os ambientes de trabalho por uma perspectiva panorâmica, como um todo, sendo capazes de visualizar falhas e pontos desconexos no funcionamento da instituição em que estão inseridos. Os indivíduos dessa geração estão constantemente conectados ao mundo digital, por isso buscam um mercado de trabalho que condiz com isso. Nutrem expectativas por um ambiente conectado, rápido, flexível, aberto ao diálogo e sem horários rígidos.

Retornando as gerações X e Y, e analisando também a geração dos Baby Boomers a partir da percepção sobre expectativas em torno do crescimento profissional podem-se tirar as seguintes conclusões sobre cada uma das gerações: os Baby Boomer atribuem grande valor as relações políticas e hierárquica nas empresas e ambientes de trabalho. Já as gerações X e Y tendem a serem mais questionadoras, o que as fazem atribuir mais importância a sua percepção do porque estão realizando determinadas atividades do que a organização hierárquica presente na instituição.

Concluindo essa abordagem é importante ressaltar que esses perfis são generalizações, e muitas vezes não são compatíveis com a personalidade ou com a vocação de diversos integrantes das respectivas gerações. O objetivo aqui é ter uma lente de análise abrangente, frente a inúmeras subjetividades presentes na formação dos perfis e vocações. Entretanto, salienta-se também que é importante ter em mente que o perfil geracional é só um dos muitos fatores existentes para a formação da vocação, e que mesmo que não seja preponderante a ponto de se tornar perceptível na personalidade de seus indivíduos componentes, certamente é uma das muitas partículas constituintes da identidade de cada pessoa.

O PAPEL DA FAMÍLIA NA ORIENTAÇÃO DO ADOLESCENTE

A construção da vocação costuma ocorrer no período da adolescência e acaba convergindo com o processo de emancipação do adolescente do estreito vínculo familiar existente na infância. Esse período é por excelência um momento extremamente traumático, já que é nele em que há a introdução aos primeiros dramas da vida adulta, e ao mesmo tempo o abandono da segurança da infância, quando os pais são para os filhos figuras heroicas e infalíveis.

Esse período que já é conturbado e espinhoso por si só se torna ainda mais complicado devido à necessidade do jovem decidir os caminhos para seu futuro. Nesse ponto a participação da família mostra-se não só importante para o bem-estar do adolescente, mas também para o auxílio deste na construção de diretrizes e afinidades profissionais (lê-se vocações), muito importantes para seu futuro sucesso e realização profissional.

Contudo, antes de prosseguir com as reflexões sobre o papel da família no período de construção da vocação vale a pena realizar uma digressão sobre o período da

adolescência e sua importância para a formação identitária do indivíduo, sobretudo no aspecto da identidade ocupacional.

Dando início à digressão, segundo Papalia, Olds e Feldman (2009), o entendimento da adolescência como uma fase de transição, ou melhor, de desenvolvimento, é recente. Nos EUA, até o início do século XX, os jovens eram considerados (e tratados) como crianças até efetivamente se tornarem adultos, ou seja, casarem, arranjam emprego, terem filhos, etc., por volta da década de 1920, com a ascensão de muitas famílias a classe média houve um aumento expressivo na demanda de escolas de nível médio, a partir daí os anos da adolescência passaram a ser vistos como um período intermediário entre a infância e a vida adulta, muito importante para o pleno desenvolvimento dos filhos.

Observando esse período fica claro que a adolescência se trata de uma construção social e não biológica, e isso é provado ao se analisar a realidade de sociedades pré-industriais, como a dos nativos norte-americanos onde há apenas a infância e a vida adulta. Graças ao conceito, a entrada à vida adulta leva mais tempo e não é tão bem definida como de outrora. A puberdade ocorre mais cedo, porém a vida profissional se inicia tardiamente, para que os indivíduos possam passar por períodos de treinamento mais longos, objetivando prepará-los integralmente para as responsabilidades da vida adulta.

Ximenes (2004) compartilha desta visão e chama atenção que hodiernamente esse período vem se expandindo ainda mais, sobretudo nas camadas abastadas da sociedade onde os pais priorizam a preparação dos filhos, acreditando que esse é o caminho para que estes se tornem adultos de sucesso. Em detrimento dessa preocupação das classes mais altas, dentre os mais pobres a adolescência muitas vezes acaba prematuramente para que esses adolescentes possam ingressar no mercado de trabalho e ajudar a família, privando-os de se desenvolver profissionalmente de forma plena.

Ademais, a adolescência vem tomando o centro das investigações e se consolidando como objeto de interesse dos pesquisadores mundo a fora, desde que a sociedade ocidental moderna transformou-se após as guerras mundiais. O termo já foi discutido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que o definiu como o período que vai do aparecimento dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual. No âmbito psicofísico, os indivíduos evoluem da fase infantil para a adulta e se atinge finalmente a independência. Ainda assim, não houve uma definição que tenha sido

universalmente aceita, por isso, fica-se entendido que não há limites específicos à adolescência e que o termo corresponde a uma classificação social. Reis e Zioni, (1993).

Quanto ao início da adolescência, Castanho (1988) afirma que ela é marcada pela puberdade, que é um processo biológico e hormonal, quando ocorrem as principais transformações do ciclo de vida humano. Entretanto, a adolescência em si é um processo psicológico, muito mais dependente de fatores socioculturais do que biológicos, por isso existem vários autores, assim como afirma Dadoorian (2000), que defendem que os processos são essencialmente separados. Além disso, por ser um processo cultural, a adolescência também varia dentre culturas, enquanto a puberdade é muito parecida para todos os seres vivos.

Mansão (2000) coloca em evidência uma série de adaptações que ocorrem na adolescência, a exemplo da transição do ser cuidado para o ser independente, o da brincadeira para o trabalho, etc. Este momento de transições marca uma série de demarcações psicológicas, como a definição da vocação profissional.

Lisboa (1997) defende que a adolescência é uma das fases mais complexas da vida humana, pois gera inúmeras inseguranças devido à velocidade e à quantidade de transformações acontecendo simultaneamente. Para, além disso, o indivíduo prova exigências e enfrenta expectativas de familiares e por parte da sociedade como nunca havia sofrido. Esse fato associado a uma série de transformações biológicas torna o período em um dos mais estressantes e infernais em toda a vida humana.

Para a autora, algumas das características da vida adulta destacam-se nessa miscelânea de transformações por distanciarem-se profundamente dos presentes na infância, como a alteração de referências e pontos de identificação. Até então as figuras de identificação mais importantes foram os pais. Com a adolescência, outras figuras despontam como as mais relevantes nessas funções. Estas são, por exemplo, o grupo de amigos, os personagens que se evidenciam nos esportes, música, cinema e televisão e os professores.

Segundo Castanho (1988), os adolescentes se rebelam contra os pais e seus valores para separar sua identidade da de seus progenitores, visto que na infância a identidade da criança era praticamente uma extensão da identidade dos pais. Esse espaço deixado vazio, no entanto preciso ser preenchido e o grupo de amigos encontra essa função, é neles que os jovens vão encontrar as bases para a definição de uma identidade autônoma, baseada nos papéis de cada indivíduo no grupo.

Essa substituição dos pais por outras figuras é muito importante e constitui uma das tarefas principais da adolescência, já que é a partir dela que se dá a estruturação da identidade que, embora comece a ser moldada já na infância, é na adolescência que ela se define. A identidade se organiza a partir das inúmeras identificações e referências: primeiramente, com a mãe, logo em seguida com o pai e depois com outros membros da família e, finalmente, com professores, amigos, ídolos e pessoas da sociedade em geral. A organização da identidade ocorre na adolescência e é um processo que, como os outros acontecimentos desta fase, podem conter turbulências e dificuldades, provocando perplexidade e muitas vezes dificuldades em lidar com as mudanças por parte dos adultos Outeiral (1994).

Na mesma linha, Carvajal (1998) afirma que a base fundamental para a cristalização da identidade na adolescência é o rompimento e os questionamentos aos modelos adultos. Ao mesmo tempo em que os adolescentes repudiam valores e características infantis também questionam e ressignificam os modelos adultos que lhe foram apresentados até então. Esse processo se dá também pela necessidade de se diferenciar dos pais, e buscar uma identidade própria e a independência psicológica.

De acordo com o autor, o adolescente passa por três etapas na adolescência, para que este processo de desconstrução e reconstrução da identidade se conclua: adolescência puberal, nuclear e juvenil. A adolescência puberal é o momento de maior transformação corporal, a etapa própria da despersonalização. É onde surgem atitudes de desobediência e enfrentamento aos pais. O adolescente para de idealizar os pais como figuras perfeitas, enxergando suas fraquezas e limitações. Há nessa fase uma profunda repulsa pelos comportamentos e tratamentos infantis.

Essas transformações aprofundam-se na adolescência nuclear, há um investimento afetivo num grupo de amigos e um desinvestimento nos pais. Como já aludido acima, é o período onde o grupo de amigos assume o espaço de referência para o jovem. O grupo passará a ditar regras e normas de conduta, além de definir quais são as funções do adolescente na estrutura social, por isso a possibilidade de ser excluído causa muito medo.

Por fim, na adolescência juvenil, ocorre a cristalização da identidade construída nas outras duas etapas, com uma aproximação ao mundo adulto. Existe um progressivo distanciamento do grupo e uma reaproximação com os pais e demais

familiares. É a fase do início da carreira profissional e dos primeiros relacionamentos sérios.

Pode-se dizer que a adolescência é um período de perdas: perda do corpo como se conhecia, infantil, pois o adolescente precisa se acostumar com o corpo adulto; perda da identidade, visto que deve haver uma desconstrução e uma reconstrução, como descrito acima; a perda dos pais da infância, idealizados e heroicos, cada vez mais vistos com seus atributos humanos e falíveis. Tais perdas são necessárias para que tomem lugar novas condições que vão surgindo e preenchendo a identidade do jovem adulto Aberastury (1971).

Em meio a todas essas dificuldades a necessidade da escolha de uma carreira se revela mais um complicador para a já espinhosa jornada do adolescente rumo à vida adulta. Cada um dos fatores determinantes para a formação identitária na adolescência, como papel no grupo a que pertence, visa o apoio da família, condições socioeconômicas, etc., serve também para a formação da vocação, ou melhor, da identidade ocupacional. Nesse ponto é muito importante o apoio da família e a presença dos pais como conselheiros para elucidar dúvidas do jovem.

Por fim, ainda que os pais devam servir como ‘guias’ e não como donos da verdade, nota-se que a omissão destes no período da formação da vocação profissional, na tentativa de serem imparciais e de não influenciarem seus filhos com desejos pessoais intrínsecos, causa o seu alienamento do processo, o que, naturalmente, piora o quadro da indecisão, deixando o jovem perdido e sem a oportunidade de dialogar em casa a respeito de uma vivência que lhe é angustiante.

De forma geral, o quadro abaixo descreve como deve se comportar a família nesse período:

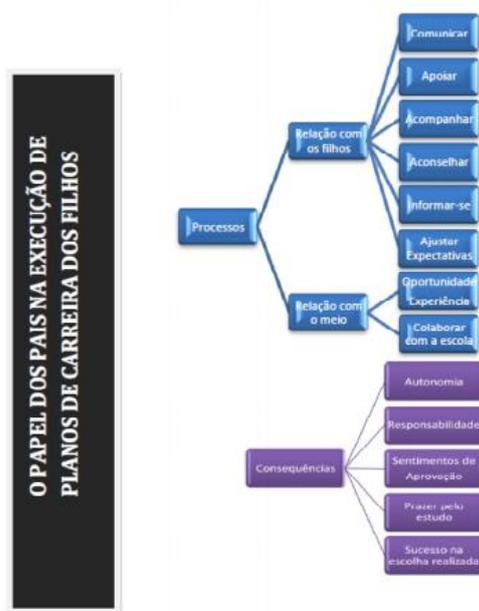


Figura 1. Esquema representativo do papel dos pais na execução de planos de carreira dos filhos

Nota. Fonte: Carvalho, M. & Taveira, M.C.(2009). Influência de pais nas escolhas de carreira dos filhos: visão de diferentes atores. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 1-9.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou entender os principais fatores geradores da identidade ocupacional dos indivíduos, em especial aqueles ocorridos na adolescência, quando o jovem está se inserindo no mercado profissional. Percebeu-se que a vocação é uma construção paulatina, influenciada por inúmeras variáveis, e que a compreensão de cada uma delas se faz necessária para o pleno entendimento do tema. Porém, antes de iniciar esta análise, mostrou-se de extrema importância a definição prévia de conceitos como vocação, profissão e dom, uma vez que estes seriam os termos base para a construção do entendimento de conceituações mais complexas, como a relação entre as diferentes gerações e os processos psicológicos da construção identitária dos adolescentes.

Uma vez definido o significado de cada um destes termos partiu-se para a análise da influência de cada um deles, destrinchando-os um a um. Entendeu-se que as influências sociais, históricas e culturais a que cada geração estava exposta foi decisiva para a construção da identidade de cada um de seus indivíduos, moldando – em alguns mais, outros menos – a relação desses com o ambiente de trabalho e suas expectativas em relação a vida profissional. Essa análise pode ser entendida como a do eixo temporal, ou em outras palavras, a análise de como a época em que cada indivíduo se desenvolveu (considerando a realidade social, econômica, política, cultural vigente na época) influenciou seu desenvolvimento de alguma maneira.

Em seguida se empreendeu a análise das inúmeras variáveis que influenciam no desenvolvimento do adolescente, e em como essas podem surtir efeito em sua construção identitária, sobretudo no aspecto ocupacional. Este eixo pode ser chamado de psicológico, onde se estuda como o desenvolvimento pessoal do sujeito (levando em conta a relação familiar, a posição no grupo de amigos, a situação socioeconômica, entre outras) também influencia na construção de suas aspirações e afinidades no campo profissional.

Concluiu-se que a construção da vocação é uma somatória das múltiplas variáveis em ambos os eixos. A vocação é uma somatória das condições do sujeito, um resultado de suas vivências. É, portanto, uma construção social, gerada de um lado pelo meio, do outro por condições subjetivas de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1971.
- CARVAJAL, Guillermo. **Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose**. São Paulo: Cortez, 1998.
- CASTANHO, Gisela M. Pires. **O adolescente e a escolha da profissão**. São Paulo: paulinas, 1988.
- DADOORIAN, Diana. **Adolescência**. In: DADOORIAN, Diana. **Pronta para voar: um novo olhar sobre a gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- LISBOA, Marilu Diez. **Ser quando crescer... A formação da identidade ocupacional**. In: LEVENFUS, Rosane (org). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MANSÃO, Camélia S. Murgó. **Ampliando os rumos da orientação profissional no novo século – Uma experiência na 8ª série do ensino fundamental**. In: LISBOA, Marilu Diez;
- MÜLLER, M. **Orientação Vocacional: contribuições clínicas e educacionais**. Trad. Margot Fetzner. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- OUTEIRAL, José Ottoni. **A adolescência e a identidade**. In: OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer: Estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.
- PINTO, Julia Ramalho. Entrevista ao blog Portallabuta. Acesso em: <https://portallabuta.wordpress.com/tag/vocacao-profissional/>. Post. [floralibanio](#). 2016. Acessado em: 20/05/2017.
- REIS, Alberto Olavo Advincula; ZIONI, Fabiola. **O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência**. Revista Saúde Pública, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 472-477, 1993.
- SOARES, Dulce Helena Penna (orgs). **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2000.
- WESTERMAN, James W.; YAMAMURA, Jeanne. H. **Generational preferences for work environment fit: Effects on employee outcomes**. Career Development International, v.12, n.2, 2007.
- XIMENES, Lavínia de Melo e Silva. **O que eu quero ser quando me deixarem crescer?** In: VASCONCELOS, Zandre Barbosa; OLIVEIRA, Inalda Dubeux (orgs). **Orientação Vocacional: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos**. São Paulo: Vetor, 2004.